



Podca\$t Economia\$ Mutante\$

Podca\$t Economia\$ Mutante\$
Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações
Episódio #5: Formas imemoriais de economia
Roteiro: Daniel Simião
Edição de roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva

ABERTURA

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: Olá, bem vindos, bem vindas e bem vindes ao Economias Mutantes. Um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas, pelas lentes da antropologia. Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Como tudo na vida, a economia é um fenômeno em constante mutação. Suas transformações são consequências de fatos políticos, sociais, ambientais, tecnológicos, morais, de mudanças na infraestrutura, só para citar alguns exemplos. Assim, ao longo da nossa série de podcasts provocamos vocês a pensar como a economia é alterada por fatos que estão fora dela. Quem sabe essas estórias nos ajudem a imaginar outras possibilidades de economia, provocando mutações nos nossos próprios pensamentos?

Quando falamos Vamos em economia, logo pensamos em dinheiro, mercado, produtividade. Mas e se existissem formas de produzir e circular valor que não passam pelo dinheiro? Nesse episódio, o antropólogo Daniel Simeão nos leva a Timor Leste para compreender as trocas rituais entre casas, um sistema que articula parentesco, moralidade e circulação de riqueza.

Nessas práticas, dar e receber não são apenas gestos simbólicos, é o que mantém viva a própria comunidade. Através de rituais como core e meta, as casas trocam búfalos, arroz, tecidos e palavras, reafirmando alianças e controlando o acúmulo de bens. Para o estado moderno, essas práticas parecem antieconômicas, mas Daniel mostra que nelas está uma lógica própria de equilíbrio e redistribuição, uma economia moral que sustenta famílias inteiras que não conseguem se inserir plenamente na sociedade de mercado.

[Trilha sonora: [Basic Curiosity](#), de Blue Dot Sessions]

Bloco 1: As casas e o valor das trocas

Daniel Simião: Vocês já conhecem Timor-Leste do episódio sobre o tais, o tecido tradicional de lá, de que a Andressa e a Renata falaram aqui. Também o Ivis trouxe Timor ao falar de um ritual importante para a preservação ambiental por lá, o Tarabandu. Timor-Leste é um dos mais recentes países do mundo. Teve sua independência reconhecida em 2002, depois de 24 anos de ocupação indonésia e mais de 300 anos de colonização portuguesa. Por conta dessa experiência colonial em comum, eles olham para o Brasil como seu irmão mais velho.

Pois é, esse nosso irmão mais novo tem muitos desafios. Embora seja um Estado moderno, incluído em uma economia de mercado, a vida das pessoas gira muito em torno de suas aldeias natais. E ali, todo mundo pertence a uma casa de origem, chamada de uma lisan.

Essas casas não são as casas de moradia — são como as casas reais, de que família você vem e a que família pertence. E são famílias ampliadas que reúnem

parentes, antepassados e toda uma história de alianças com outras casas. Quando alguém se casa, cria-se um laço entre duas casas:

- a casa do marido se chama manefoun (“casa nova”), tomadora de mulher;
- a casa da esposa se chama umane (“casa velha”), doadora de mulher.

Essas casas trocam presentes que simbolizam o vínculo entre elas: búfalos, cabritos, porcos, tecidos (tais), dinheiro. E definem a posição de cada casa nessa relação: A casa do marido tem que dar porcos e dinheiro, a da esposa, tecido e búfalos.

[Trilha sonora: [Nabu - RD1-054-Liquica 02.mp4 \(Liquica\), de Ros Dunlop \(collector\), 2009. MP4. at catalog.paradisec.org.au](#)]

Daniel: Mas o importante mesmo é que nada fica parado. Os bens circulam entre as casas, e é isso que mantém a paz e o equilíbrio social.

Os rituais de troca — as lia — são acontecimentos constantes nas aldeias. Casamentos, reconciliações, mortes e colheitas sempre envolvem alguma lia. Uma das mais importantes delas é o koremetan, o ritual que marca o fim do luto e o retorno da casa à vida. Nessa festa, a casa de um morto recebe todos aqueles que casaram com mulheres da Casa. E eles devem trazer os bens que lhes cabem: se você deu mulheres para aquela casa, porcos e tecidos, se você casou com mulheres daquela casa, búfalos e cabritos.

Durante três ou quatro dias, a aldeia inteira se mobiliza. Os mais velhos negociam as obrigações; os jovens cuidam dos abates e das fogueiras; as mulheres alimentam todos sem descanso. Enquanto isso, as casas aliadas trazem oferendas — arroz, porcos, cestos, dinheiro — e tudo é registrado e exposto publicamente.

Dar é muito mais do que um gesto simbólico: é um ato moral. Quem dá cria um compromisso; quem recebe assume uma responsabilidade. E essa dívida nunca se encerra: ela mantém o vínculo entre as casas, como se fosse um fio que liga as pessoas ao longo das gerações.

[Trilha sonora: [Nabu - RD1-054-Liquica_06.mp4 \(Liquica\), de Ros Dunlop \(collector\), 2009. MP4. at catalog.paradisec.org.au](#)]

Bloco 2: O Koremetan e a tensão com a economia moderna

Daniel: Um koremetan pode reunir mais de quarenta famílias e movimentar até dez mil dólares. Do lado manefoun, os que casaram com mulheres da casa do falecido, cada grupo contribui com cerca de 300 a 700 dólares, o que, para padrões locais, é muito dinheiro. Mas o importante é entender para onde esse dinheiro vai.

Digo isso porque desde há uns dez anos ouvimos críticas de sujeitos do Estado timorense que dizem que esses rituais são um problema para o desenvolvimento econômico do país. Dizem que isso sequestra recursos das famílias. Se você tem que mandar tantos bens para esses rituais, vai ficar sem dinheiro para investir na educação dos filhos ou mesmo na criação de um negócio. Faz sentido, né? Em algum sentido sim, mas isso não vê todo o cenário.

A riqueza investida numa lia, num ritual, ela não desaparece — ele circula. Parte vira comida e bebida, parte vai para o aluguel de cadeiras, instrumentos, músicos, motoristas. O que o Estado chama de “desperdício” é, na verdade, uma injeção de recursos na economia local. As lia mantêm vivo um sistema em que ninguém acumula sozinho: quem tem mais é mais cobrado; quem tem menos, recebe ajuda. Essa é a lógica da reciprocidade, que é bem diferente da lógica do lucro.

Enquanto o mercado ensina que é preciso poupar, acumular e competir, as casas timorense valorizam repartir, devolver e manter o laço que as une numa rede de riqueza em pessoas.

Já pensou nisso? Riqueza é recurso, não? Mas não só recurso em moeda. Em algumas circunstâncias, a pessoa rica é aquela que tem a quem recorrer. É uma riqueza em pessoa. E isso é o que aparece aqui na ideia de riqueza em pessoas. É o que a gente diz, “posso contar com ele”. Mas lá, em Timor Leste, isso é contar mesmo, em número de búfalos, porcos ou cabritos. É uma forma de segurança social baseada em solidariedade, não em contrato.

Para muitos jovens, em Timor-Leste, essa tradição é motivo de dúvida. Alguns acham que os rituais custam demais, outros temem que o Estado e a Igreja os proíbam. Mas os anciãos dizem que reduzir a lia é ofender os ancestrais — é romper a corrente que liga o passado e o futuro. Por isso, mesmo com críticas, as lia continuam a acontecer, alimentando tanto o corpo quanto o espírito da comunidade.

E há algo aqui que também nos diz respeito. Num mundo cada vez mais globalizado, em que tudo parece separado — economia de um lado, cultura de outro —, esses rituais lembram que somos codependentes. O que afeta um, afeta o outro. Assim como no clima: o desmatamento de um país impacta a chuva de outro. Em Timor-Leste, essa consciência da interdependência é vivida no cotidiano — em cada troca, em cada ritual, em cada koremetan.

[Trilha sonora: [Nabu - RD1-054-Liquica 06.mp4 \(Liquica\), de Ros Dunlop \(collector\), 2009. MP4. at catalog.paradisec.org.au](#)]

Bloco 3: Reflexão crítica e fechamento

Daniel: As lia nos mostram que a economia pode existir sem mercado — mas não sem moral. As trocas feitas num ritual desses não geram valor nas estatísticas do país. Mas geram muito valor de vínculo entre pessoas e grupos. Na medida em que você se mantém nesse circuito, pagando o que esperam da sua Casa, você tem com quem contar em tempo difíceis. Elas ensinam que o valor não está só nas coisas, mas nas relações que as coisas criam.

Em Timor-Leste, onde o trabalho formal é escasso e o dinheiro circula pouco, os rituais são, no fim das contas, o que mantém a economia viva. São eles que garantem redistribuição, aprendizado e até resolução de conflitos. E digo isso porque o sistema judicial lá, como aqui, vive sobrecarregado. Então muitos conflitos são resolvidos na aldeia mesmo. Mas aí, é importante saber de que casa você é e a relação da sua casa com a casa de quem está em conflito com você e eles têm uma

tecnologia muito interessante para resolver esse conflito a partir dessas diferentes posições.

[Trilha sonora: Nabu - RD1-054-Liquica_02.mp4 (Liquica), de Ros Dunlop (collector), 2009. MP4. at catalog.paradisec.org.au]

Daniel: E isso nos faz pensar: será que o que chamamos de “atraso” não é, na verdade, outra forma de futuro?

Enquanto o Estado tenta disciplinar a kultura, é ela que ensina a cuidar da vida comum, a repartir o que se tem e a reconhecer que todos — pessoas, casas, natureza — estão ligados.

De certa forma, é isso que a antropologia nos ensina. Olhando pra outras formas de produzir valor, um valor que está nos vínculos e nas relações, ficamos pensando sobre o sentido do que aprendemos aqui a chamar de economia.

Talvez essa seja a lição de Timor-Leste para o nosso tempo: que a economia só faz sentido quando entende que ninguém vive sozinho, que o valor está em circular, e que tudo o que existe depende do que damos e recebemos dos outros.

[Trilha sonora: Nabu - RD1-054-Liquica_02.mp4 (Liquica), de Ros Dunlop (collector), 2009. MP4. at catalog.paradisec.org.au]

FECHAMENTO

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: Você acabou de ouvir o Podcast Economia\$ Mutante\$, uma produção do Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje, Formas Memoriais de Economia, o valor das trocas rituais em Timor Leste, é produto das pesquisas

realizadas por Daniel Simião. As Pesquisa são frutos de fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, FAPDF, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Administração de Conflitos, InCT-INEAC, a quem agradecemos pelo suporte financeiro. Somos gratos e gratas também a todos e todas moradores e moradoras da Aldeia de Liçadila no município de Liquiçá, em Timor Leste, com quem Daniel Simião tem feito suas pesquisas. Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEEG, acesse o nosso site: www.leeg.dan.bsb.br. Ou ainda, nosso perfil no Instagram: @leeg.unb. Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Daniel Simião, sob orientação de Kelly Silva e Irene do Planalto Chemin; a edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemin; a música tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis; a narração foi gravada no estúdio da Subsecretaria de Formação Continuada (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a quem agradecemos muito pelo apoio; a identidade visual do nosso podcast é de Rafael Carón; a comunicação e divulgação do nosso podcast tá sob responsabilidade de Irene do Planalto Chemin; a coordenação geral do podcast Economias Mutantes é de Kelly Silva. Até a próxima.